

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 19 DE DEZEMBRO DE 2000

*Meu caro Ministro e amigo Paulo Renato; Parlamentares; Prefeitos; Senhora Senadora; Senhor Senador; Senhor Presidente da Undime, Senhor Sérgio Garcia, que é Presidente do grupo Orsa; e, sobretudo, as professoras aqui premiadas e seus familiares e acompanhantes,*

O Ministro Paulo Renato já fez um breve relato do esforço que ele tem feito, que o Governo tem feito no que diz respeito à questão educacional. Já cansei até de repetir os números. Quase que os sei de cor, de tanto que tenho entusiasmo pelas transformações que estão ocorrendo na área da educação no Brasil. Hoje, contamos com quase 97% das crianças em idade escolar nas salas de aula; que distribuímos mais de 100 milhões de livros didáticos, que chegam a tempo; os parâmetros curriculares, que ajudam o professorado a se orientar, a se inspirar nos seus cursos; a qualificação e a classificação dos livros didáticos; o Fundef, que produziu, logo no início, um aumento de 13% do salário do professor primário, mas que, depois, em algumas áreas, como no Nordeste, chegou, em algumas regiões, a 50%; enfim, o fato de que o nível educacional melhorou;

e, agora, também a educação, no nível infantil, está ganhando impulso, como deve ser.

Isso é muito importante porque toda gente sabe que, hoje, praticamente, ou se cuida da criança desde que nasce e começa a socializá-la e educá-la ou, então, quando ela chega à escola básica, já não tem mais as mesmas condições para desenvolver o potencial de que dispõe ao nascer. Portanto, temos que, efetivamente, cuidar mais e mais dos níveis de educação iniciais. Esse é o resultado de muita pesquisa. Mas, agora, é também o reconhecimento pelo País de que isso é uma necessidade e que isso está ocorrendo dessa maneira.

O trabalho desenvolvido pelo Ministério da Educação tem sido muito grande e é notável. Porém, o que, hoje, aqui se demonstra é uma coisa algo diferente: é que, para mover um país do tamanho do Brasil, com tantos problemas, uma andorinha não faz verão. O conceito é outro: é de parceria. Tudo que está acontecendo de positivo na sociedade contemporânea deriva do fato de que estamos quebrando o isolamento entre Estado, por um lado, e sociedade, pelo outro; família, por um lado, professor, pelo outro; criança, por um lado, adulto, pelo outro. É preciso que haja uma convergência, que haja uma comunhão, que haja uma parceria.

E, agora, a Fundação Orsa, ao distingui-las com esse prêmio, na verdade, está se juntando a essa parceria. Não é a única instituição, mas é a única que está se dirigindo a esse nível de ensino. E agradeço muito à Fundação Orsa por ter tomado essa decisão.

Daqui por diante, para continuarmos avançando no nosso país, para que consigamos o que todos desejamos, vamos precisar de muita convergência de esforços, muita. As estruturas burocráticas devem ser, naturalmente, mais azeitadas, os recursos devem ser mais abundantes. Mas nada disso se resolve se não houver um espírito que, realmente, congregate as pessoas, e esse sentimento de que é dever de cada um de nós dar uma certa contribuição à educação, que é a questão fundamental, de hoje e do futuro.

Não faço a não ser repetir obviedades. O século que está aí por nos desafiar vai depender, basicamente, da nossa capacidade de produzirmos conhecimento, inovação, tecnologia nova.

Ali está um cartaz que diz: “Não é só em escola de samba que criatividade e originalidade dão prêmio.” Essas duas palavras – criatividade e originalidade – são chaves, são a mesma coisa. Tem que haver criatividade para poder produzir alguma coisa de nova, alguma coisa de original.

Pois bem, o mundo que está por desafiar-nos é um mundo que requer mais e mais criatividade, mais e mais originalidade. Assistimos ao desaparecimento de todo um setor social no mundo. Todo o mundo que foi baseado nas inspirações do desenvolvimento e da sociedade centralmente planejada acabou, ruiu, ruiu sozinho. Não foi bomba atômica, não foi exército inimigo que invadiu, não foi nada. Ruiu. A chave está nisso aqui. Faltou a liberdade para permitir criatividade, para permitir que houvesse uma corrente espontânea de renovação.

Quando tudo está muito fossilizado, por mais organizado que seja, burocrático que seja, não permite, depois de certo tempo, que essas sociedades avancem. Não conheço nenhum estudo mais específico sobre o que aconteceu até a queda do Muro de Berlim. Mas, basicamente, no meu modo de entender, o que aconteceu foi falta de criatividade. Perderam a capacidade de inovar. Perderam a capacidade, portanto, de acreditar em um caminho futuro. E tudo passa a ser só a repetição do que já existe e acaba sendo desmotivador.

Pode parecer uma motivação abstrata para ruir um império. Os impérios, geralmente, caem por outras razões. Mas, de tudo que vi, o que aconteceu de mais essencial para que desmoronassem tão rapidamente o império socialista soviético e seus adjacentes foi a falta de originalidade, a falta de criatividade, que vêm junto com a falta de liberdade.

E isso é importante para nós, porque o futuro vai depender disso. É mantermos o espírito de liberdade, entendermos que a originalidade e a criatividade são essenciais para o futuro, porque esse futuro vai depender do desenvolvimento de novas tecnologias, não no sentido apenas mecânico ou físico, mas também social, de formas inovadoras de relacionamento entre as pessoas. Tudo vai depender, basicamente, de, desde o início da educação, criarmos um clima que contemple tanto essa liber-

dade como a responsabilidade, que deve ser inerente a ela, como essa capacidade de inovar, de criar, de imaginar.

Certamente, aqui, em alguns dos estudos premiados, existem referências a essa questão. A questão de que é preciso treinar a criança para que ela seja criativa. Já foi a época em que se imaginava que a relação de professor e aluno fosse uma relação unilateral. Não é. É uma interação e requer muito que exista essa valorização dessa interação. É um processo criador, mas é um processo criador que se compõe desta parceria, já na classe, entre o professor e o aluno. E essa parceria tem que se estender por toda a sociedade, está se estendendo por toda a sociedade.

Era isso que queria dizer, a título, simplesmente, de felicitá-las pelos prêmios que acabam de receber. O momento é propício para desejarmos felicidades, bom Natal para todos que aqui estão, sobretudo para os premiados, que vão voltar para casa contentes.

Mas, acho que há um outro fato que convém ressaltar. Nós somos um povo de beijoqueiros, e isso é bom. Isso é bom porque é uma forma de interação espontânea. Em muitos países do mundo alguém chega perto do Presidente da República e pergunta: “Posso dar um beijo?” Aqui se pergunta e pode e é bom, e é público.

De modo que isso é um modo de ser nosso, brasileiro: espontâneo, simples, direto. É uma forma de criatividade. Nada pode ser melhor, para a época de Natal do que essa confraternização a que nós assistimos aqui, em que todos, sem nos conhecermos, nos gostamos tanto.

Muito obrigado.